

Texto
Fabiana Moraes

ÁGUA PARA A SECA

CONHEÇA O PROJETO QUE JÁ
INSTALOU MAIS DE 370 MIL CISTERNAS
NO SEMIÁRIDO, MUDOU A CARA
DA REGIÃO E MELHOROU A VIDA
DE 1,8 MILHÃO DE PESSOAS



Andar quilômetros para pegar água e cozinhar usando lenha. Atividades quase impensáveis nos dias de hoje, em que velocidade e conforto governam nossa vida. Mas para mulheres como Ivanilda Torres, 44, Edite Maria da Silva, 63, e Maria Irene Silva, 51, impensável seria, há apenas oito anos, ter água a poucos metros de casa e acender um fogão a gás. As três, que vivem no agreste de Pernambuco, viram suas experiências serem radicalmente transformadas com a chegada de uma bem-vinda desconhecida: a Articulação do Semi-Árido Brasileiro (ASA), entidade que agrega cerca de 750 ONGs dedicadas a melhorar a vida da população do semiárido.

A melhora materializa-se em ações como a construção de cisternas para o estoque de água e de biodigestores (equipamentos que produzem gás de cozinha a partir do esterco de animais). Foi com essas tecnologias que o que era básico para a maioria – mas um luxo para as três – virou realidade.

UM MILHÃO DE CISTERNAS

“Olha a cor da água que eu bebia”, diz Edite, segurando um copo contra o sol. O líquido marrom-claro, que hoje serve para matar a sede dos animais e regar as plantações ao redor de seu sítio, foi, durante anos, bebida por ela e pelos cinco filhos. A renda familiar vinha do trabalho nas lavouras da região. “Renda” é, na verdade, uma maneira formal de nomear os escassos 6 reais que Edite rece-

bia por dia. Podia ser pior. “Várias vezes, o dono da plantação chegava e dizia que a venda dos produtos estava ruim e eu e meu filho, que me ajudava, ganhávamos 3 reais cada um”, conta.

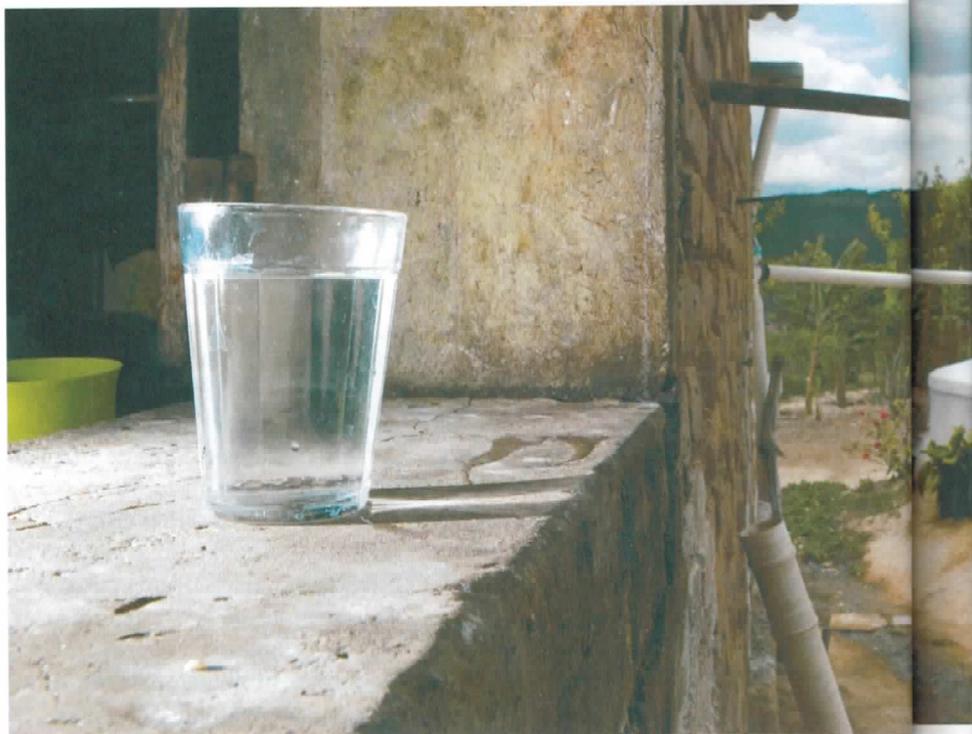
Essa vida começou a virar passado em 2004, quando a família foi escolhida para receber uma cisterna de 16 mil litros da ASA, por meio do programa **Um Milhão de Cisternas (PIMC)**, realizado em parceria com o governo federal. As cisternas servem para estocar, para o período de seca, a água das chuvas, que ocorrem em apenas três meses do ano. No tanque onde a água é estocada, estão garantidos oito meses de água limpa para beber e cozinhar (média para cinco pessoas). Em 2009, Edite foi beneficiada com outra cisterna, a do tipo “calçadão”, de 52 mil litros, conseguida por meio do programa **Uma Terra Duas Águas (P1+2)**. Essa é voltada para guardar água para os animais e para irrigar hortas que alimentam as famílias e servem como fonte de renda (o excedente de frutas e legumes pode ser vendido em feiras). “Se me perguntarem o que é uma cisterna, posso dizer que é uma estrutura de cimento e ferro. Mas na verdade, para mim, é um paraíso. É meu borboletal, foi onde eu me transformei”, diz Edite.

O acesso à água potável não é, no entanto, o principal acontecimento na vida dessa mulher, que já morou em São Paulo e no Piauí em busca de uma vida melhor. O que fez a diferença foi a maneira como esse acesso se deu. Essa

é a grande mudança promovida pela ASA: todas as famílias que recebem as cisternas passam por um processo de capacitação que incentiva a autonomia de cada núcleo familiar e ensina a utilizar a água de forma eficiente. A escolha de quais famílias irão receber as cisternas passa por vários critérios, como número de menores e idosos na casa, se esta é chefiada por mulheres, se o núcleo recebe o Bolsa-Família (ou seja, se tem baixa renda comprovada).

AUTONOMIA

Foi o que aconteceu com Ivanilda Torres, da cidade de São Caetano, que duplicou a produção de suas hortas depois que a cisterna tipo calçadão, de 200 metros quadrados, foi construída ao lado de sua casa. Antes, ela realizou um curso de gestão de água para produção de alimentos, quando aprendeu, por exemplo, quais espécies são mais resistentes ao clima do semiárido. Nessa etapa os agricultores também desenham, junto com os técnicos das organizações que compõem a ASA, um mapa da propriedade onde vivem. A partir desse mapa, o agricultor vai vendo o que é mais urgente para que sua área se torne mais produtiva. “Destinamos 800 reais para cada família comprar animais ou sementes e instalar, por exemplo, cercas e galinheiros. Depende da necessidade de cada núcleo”, diz Carlos Magno, do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, uma das entidades da ASA.



Cisterna de Ivanilda Torres, em São Caetano (PE). O semiárido brasileiro é o mais chuvoso do mundo, e a cisterna armazena a água do curto período de chuvas para ser usada na época da seca

Todo o processo tem a participação dos moradores, que ajudam a construir as cisternas. Há, por exemplo, capacitação para a função de pedreiro, o que gera mais renda para as comunidades. Foi o próprio José Estêvão da Silva, 59 anos, da zona rural de Tacaimbó, quem construiu as duas cisternas de seu sítio. “Antes, eu acordava à meia-noite para buscar água no chafariz. Era uma fila enorme, todo mundo esperando. Só voltava às 7 da manhã. E só chegava água dois dias na semana”, diz. Ele também aprendeu a operar o biodigestor, que funciona no quintal repleto de galinhas, perus e pés de acerola. O esterco de uma vaca e dois bezerros alimenta a produção. A esposa do agricultor, Maria Irene, diz que os moradores da região não acreditavam que o que antes era adubo pudesse virar gás nos botijões. “Hoje, é um dos nossos tesouros.”

AUTOESTIMA E FUTURO

A mudança de vida fez com que José, Edite, Maria Irene e Ivanilda compar-

tilhassem mais do que cisternas: a fala de cada um é pontuada por um discurso cheio de autoestima e perspectiva de futuro. Hoje, todos eles entendem que é preciso cuidar do solo para mantê-lo fértil. Parece óbvio, mas uma antiga cultura de queimadas e desmatamentos não permitia que isso acontecesse. Edite, por exemplo, deixa na terra restos de milho e folhagens, que servem como adubos naturais. Seu sítio é uma espécie de mosaico formado por várias plantações: morango, laranja, maracujá, banana, melancia, tomates, uva, cebola, abacaxi, beterraba e goiaba. Os produtos são usados para alimentar a família, incluindo as netas, Hortênsia, de 5 anos, e Orquídea, de 2. “Antes de tudo isso eu não gostava nem de mim. Sabe o que é trabalhar o dia inteiro no roçado para ganhar 3 reais no fim do dia? Olhar para meus filhos e não ter nada para cozinhar para eles?”

A autoestima também aparece em Ivanilda, casada com João Torres, 68 anos. Nascidos no Boqueirãozinho,

PRATIQUE gentileza

O QUE É ESSE PROJETO?

Pratique Gentileza! é um movimento da revista VIDA SIMPLES que tem como objetivo disseminar iniciativas que estão mudando a maneira como nos relacionamos com os outros e com nosso planeta.

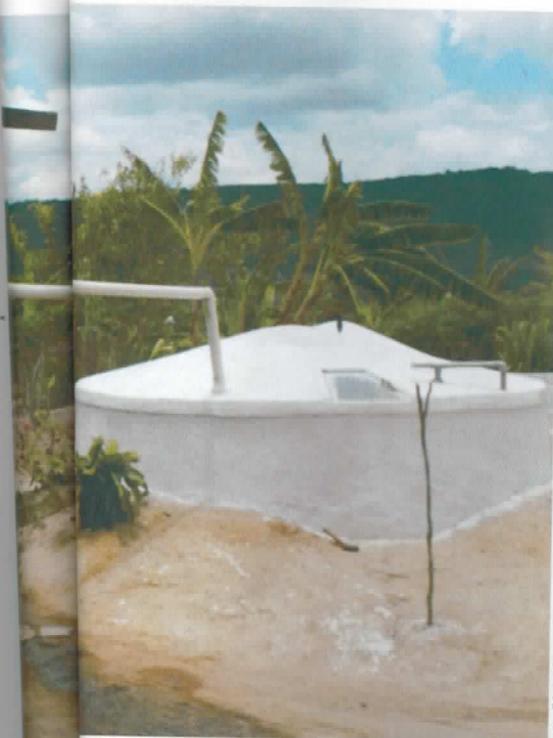


foto Flávio Costa

zona rural de São Caetano, eles precisavam fazer enorme esforço para ter água em casa. “Eu ia buscar lá atrás daquela serra, onde tem uma barragem”, aponta João, calculando que andava cerca de 5 quilômetros para trazer dois galões de água (24 litros). Eram várias viagens para encher uns tambores do quintal. Ivanilda também ia à barragem, para lavar roupa. Os filhos, ainda pequenos, a acompanhavam. “Hoje sou uma pessoa rica”, diz ela, que viaja frequentemente para participar de encontros promovidos pela ASA, onde fala de sua experiência, participa de oficinas e encontra outras agricultoras. Ela e o marido planejam melhorar a casa de tijolos aparentes onde vivem, a mesma em que Ivanilda foi morar quando voltou de tentativas frustradas de mudar de vida em outras cidades. Agora o tempo é outro – menos pesado e bem mais fértil.

PERTENCIMENTO

A ASA tem sido convidada a falar de sua experiência em vários países da América

Latina e da África. Não é para menos: desde 2003, já são 373 mil cisternas de 16 mil litros instaladas, além de 20 mil de 54 mil litros. O objetivo, como diz o nome do programa, é chegar a 1 milhão (das menores, do programa P1MC). As cisternas menores custam em média 2200 reais, enquanto as maiores saem por 5 mil reais. Um dos principais investimentos até hoje veio do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS): de 2003 até agora, o órgão repassou quase 584 milhões de reais para a ASA, segundo o coordenador da entidade na Bahia, Naidison Quintella. A parceria, contudo, foi suspensa no fim de 2011, quando várias ONGs deixaram de ser atendidas pelo governo federal. A suspensão significa, para a ASA, o não-repasse de 120 milhões, dinheiro que beneficiaria 165 mil pessoas. Em protesto, mais de 15 mil agricultores do semiárido se reuniram em Petrolina (PE). As pessoas também estavam preocupadas com a mudança do projeto, que previa a instalação de 300 mil cisternas plás-

ticas, em vez das construídas pela população. Para a ASA, esse é um dos pontos críticos. Enquanto as cisternas de placas são construídas em um processo comunitário e autossustentável, o modelo das cisternas plásticas recai em algo que costumava ser comum no semiárido: a passividade dos moradores, numa região em que doações são um caminho para conseguir votos.

Se a pressão popular não conseguiu reverter a parceria entre governo e os fabricantes de cisternas plásticas, ao menos fez com que o MDS e a ASA voltassem a dialogar. O ministério vai fazer uma chamada pública para a colocação de cisternas de placas no semiárido, e a ASA vai concorrer. Serão cerca de R\$ 138 milhões para a construção de cisternas, um dinheiro que representa a continuidade do projeto realizado em dez estados e que atinge mais de 22 milhões de pessoas que habitam a região – todas candidatas, ao aprender a gerir cisternas e a cuidar do solo, a melhorar suas próprias histórias. ☀